



Delfim: o relatório mostra a verdade.

O ex-ministro Antonio Delfim Neto, candidato à constituinte pelo PDS, concorda com muitos aspectos do relatório que o Morgan Guaranty Trust Company fez sobre o Brasil e que foi publicado no boletim mensal da instituição, o World Financial Markets.

Cinco tópicos do trabalho foram comentados por Delfim Neto para o *Jornal da Tarde*:

1. O congelamento de preços dá sinais de desintegração — A mim parece um fato óbvio que o relatório diz a verdade. Todas as pessoas que têm alguma vivência sabem que o abastecimento tem piorado desde 28 de fevereiro e, o que é mais grave, o abastecimento é tanto pior quanto mais a gente se afasta dos grandes centros urbanos. No Interior, o abastecimento é tão precário que as comunidades começam a se organizar na forma de cooperativas de caça — isto é, saem em comboio para procurar os produtos nas cidades vizinhas.

— A grande realidade — afirma o ex-ministro — é que não é o congelamento em si que causou tais dificuldades em tão curto prazo. Todos sabemos que o congelamento é uma forma extremamente ineficaz de administração da economia, mas mais grave do que o congelamento foi a fantástica invenção da inflação zero. Estou convencido de que essa foi uma invenção conveniente para proteger os administradores da necessidade de administrarem o congelamento.

Neste campo, as habilidades dos nossos "teólogos" — como Delfim tem chamado os economistas do cruzado — foi formidável: primeiro, definir que a inflação era zero; logo, se a inflação é zero, não é preciso fazer nada; segundo, disseram que o Brasil era uma sociedade democrática e transparente; logo, se existisse algum problema, eles deixariam ao setor privado para democraticamente encontrar uma solução.

— Estou portanto convencido de que o plano de inflação zero foi um escudo atrás do qual se esconderam as autoridades monetárias para o seguro exercício de não administrar. É claro que esta atitude confortável e até compreensível teria que terminar como está terminando — isto é, na desorganização do sistema produtivo.

2. Abandono da escala móvel — É uma sugestão fácil de ser feita mas dificilmente exequível — adverte Delfim. A rigor, o governo a está fazendo com suprema habilidade, na medida em que ele construiu um barômetro para medir temperatura — e tem tido um enorme sucesso para afirmar que ela não tem subido.

— Há suspeitas aqui e ali que de vez em quando as variações de pressão chegam até a mudar a temperatura. Nesse caso, os "teólogos" rapidamente desenvolvem a teoria de que empréstimo compulsório não é preço. E o barômetro volta ao seu estado normal de tempo bom e sem variação previsível.

— No fundo, o sonho dos "teólogos" é conseguir 25% de inflação, mas registrar apenas 6%. Com isto, teríamos feito aquilo que o relatório do Morgan recomenda, mas realmente com muito mais habilidade. Na realidade, a demanda de mão-de-obra está realizando sua tarefa e os salários estão crescendo de acordo com o termômetro e não de acordo com o barômetro.

3. Crítica à política monetária como expansionista — Segundo o ex-ministro, "a crítica do Morgan com relação à política monetária é a mesma de todas as pessoas sensatas", observando: "Certamente, a demanda de moeda cresceu. Quanto ela cresceu é uma incógnita. Se a taxa de juros fosse realmente

livre, talvez tivéssemos uma idéia melhor do que está acontecendo. O que o Morgan diz pode ou não ser verdade, isto é, que temos excesso de liquidez. Isto nós só veremos daqui a quatro ou cinco meses, se os preços subirem um pouco mais do que estão subindo hoje (alguma coisa parecida com 2 ou 3% ao mês), e nesse caso o Morgan terá tido razão. Mas essa é uma questão empírica que vai ser resolvida empiricamente".

4. O déficit público é maior que o esperado — Todos nós sabemos que o problema do déficit é crucial. Até os economistas heterodoxos acreditavam a 28 de fevereiro que esse era um problema crucial. Tanto é verdade que puseram a maior ênfase nesse problema no discurso do senhor presidente e depois as autoridades monetárias gastaram horas das nossas televisões para provar que o déficit tinha terminado.

— Vimos depois — prossegue Delfim — que isto não era correto. Em compensação, sobra um grande resíduo positivo — o nosso Aurélio, na sua próxima edição, consignará o verbo zerar, verbete onde se dirá que esta foi a grande contribuição positiva dos economistas heterodoxos para o vernáculo. Já tinham feito uma contribuição para a física teórica, inventando o movimento inercial acelerado. E agora ficarão também registrados nos nossos dicionários como inventores do famoso verbo. Pena não tivessem realizado a ação correspondente ao verbo inventado.

— Estamos hoje com um déficit declarado de 4,2% do PIB, mas que eu suponha será bem acima de 5% quando terminar a execução de 86.

— Mais fantástica do que a invenção da inflação zero foi a invenção de que o déficit produzido pelos investimentos públicos é intrinsecamente financiável. Com essa expressão aterrorizante, eles tentam nos convencer de que o déficit não existe, e o que não existe, de acordo com a boa teologia medieval, não pode ter importância.

5. A discussão sobre a Constituinte acelera preocupações no setor privado. Essa observação, segundo Delfim Netto, "é totalmente justificável".

— Aliás, esse projeto é uma coleção de pérolas, que devem ser recolhidas uma a uma, e apreciadas com grande espírito estético. É uma Constituição chela de números, o que mostra que estamos caminhando, certamente. Por exemplo: diz que metade das vagas no sistema de ensino tem que ser reservada para as pessoas carentes. É falso. Pelos meus cálculos — e estes sim são precisos — temos que reservar 87,732% das vagas para esse efeito. Não adianta pedir porque não vou contar a fórmula — só vou revelá-la no Congresso se for honrado com os votos dos meus eleitores.

— A concepção dessa Constituinte não é a de que o Estado é a sociedade organizada politicamente, e portanto não tem nenhum recurso. Ele é um mero agente transferidor de recursos, é um mero agente consumidor de recursos. Mas uma leitura do projeto nos dá idéia diferente: de um Estado espantosamente generoso, rico, inteligente, diligente, ao qual basta apresentar as exigências da sociedade e elas serão prontamente atendidas.

— É um projeto avançadíssimo — ironiza o ex-ministro. — É um projeto para a sociedade que já superou a escassez, exatamente como a nossa. Só 60 sábios reunidos num quarto escuro poderiam produzir tanta luz. A respeito da Constituinte, o pobre Morgan não sabe nada.